

Taubaté, 4 de Bruno, de 1904

Rangel:

Acabo de ler tua carta e dou parabens pelo “bisbilho”. Otimo! Vou adotar. Não está em nenhum dicionario. Sonoro e lindamente onomatopaico. Uma floresta vive cheia de bisbilhos.

Queres a minha opinião sobre a *Canaã* e a *Chacara*, e insistes nisso. *Canaã* é o que chamam uma obra-forte, e obra-forte quer dizer obra-fraca. Não é paradoxo. As obras-fracas no presente são as incompreendidas, ou de compreensão só possivel no futuro. E as fortes são as que de tal modo satisfazem ás exigencias do presente que provocam estouros de entusiasmo\_ obras despoticas. Mas passam com a passagem dessas exigencias. Acho a tese de *Canaã* muito atual: imigração, colonização, absorção, etc. Quando tudo mudar, daqui a cem anos, quem vai interessar-se pelas ideias de Milkau e Lentz? Quem hoje lê os romances sobre a escravidão? Os argumentos da *Cabana do Pai Tomás* nos fazem sorrir\_ e eram tão fortes no tempo que deflagaram uma guerra. Os romances de Mme. De Stael nos dão ideia de anquinhas, saia balão. *Canaã* será um grande livro enquanto perdurarem os nossos problemas imigratorios; depois irá morrendo\_ e os futuros leitores pularão os pedaços de Lentz e Milkau. Já o *Braz Cubas* é eterno pois enquanto o mundo for mundo haverá Virgílias e Brazes; mas Milkau é um metafísico de hoje, tem ideias de hoje e filosofa hoje; amanhã só será lido pelos futuros Melos Morais.

Quanto á tua *Chacara*, está primorosa\_ mimosa, bem lapidada. Ha umas coisinhas. Aquela “cabeça derrubada sobre o colo” me sôa mal . Derrubar uma arvore, derrubar um trono; para a cabeça duma pobre velhinha fica melhor “pendida”. Na propriedade da expressão está a maior beleza; dizer “chuva” quando chove\_ “sol” quando soleja. É a porca que entra exata na rosca do parafuso.

“Balcucio adoravel”. É preciso expulsar do teu vocabulario este adjetivo que o Macuco e a pandilha do Braz puseram a perder. O “adoravel” está babado demais, gosmento. “Doídas saudades”: é um perigo este adjetivo; fatalmente o tipografo comporá “doidas” e o revisor deixará passar. “Espaços tremulos de asas ruflantes”: restos do nefelibata; coisa sonante, harmoniosa, mas *trop litteraire*. “O baque dos monjolos percutia”: acho o “percutir” muito de gatilho de arma, muito metalico; monjolo é pau e um pau que bate noutro não percuta, dá um choque balofo. O “sem fim das colinas” está magnifico. É teu? Quanto ao fecho (a pergunta final), não compreendo bem a sua razão de ser. Tudo mais, otimo.

*Sapho* de Daudet, tenho. Mais alguns Maupassants, aceito. Dos romances só li *Bel Ami* e *Notre Coeur*. Ha outros? Pierre Loti é uma besta. Afeta simplicidade. Em agua assim rasa, só temos guarús e sapinhos rabudos. Mas

nas profundidades dum Dostoievsky ha todos os peixes\_ pesadelos do mar\_ e até aquela serpente marinha de Kipling, que não existe.

Recebi os retratos e o desenho. Cultive. Pegue no lapis e desenhe do natural. Nada de copias. Croquis só.

Li 1500 paginas de Lamartine e estou saturado. Mais tarde te contarei a minha doença: *delirium legens*, especie de *delirium tremens* dos bebados. Leio tanto, que quando vou para a cama meu cerebro continua a ler maquinalmente.

Tenho muitas novidades. Quando tua provisão aí escassear, dá o brado. Tenho um Renan inteiro\_ e que homem! Que estilo de fonte!

Comecei no *Minarete* “Memorias dum Velho”. Imagino-me velho e de retorno da Europa, e conto o estado em que encontrei todos os amigos.

LOBATO